

TRIBUNA ACADEMICA

PERIODICO SCIENTIFICO E LITTERARIO.

ANNO I.

SEGUNDA FEIRA 1.º DE AGOSTO DE 1864.

N. 3.

Assigna-se a 37000 por trimestre, e subscreve-se nesta typographia, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia.

TRIBUNA ACADEMICA.

Estrellas Filantes.

*Encore une étoile qui file
Qui file, file et disparaît.
Béranger.*

Fazer para a *Tribuna* um apanhado do que melhor nos pareceu sobre *aerolithos bôlidas e estrellas filantes*, eis nosso fim.

Aerolithos são pedras que dos ares cahem na terra. *Bôlides* são globos inflammados, que sulcam os ares. *Estrellas filantes* são esses pontos que nos ares vemos brilhar, correr e desaparecer.

Desde que o homem encarou o firmamento, apreciou o phenomeno das *estrellas filantes* (ao menos os années da sciencia nada dizem ao contrario, e esse modo de pensar está de accôrdo com a hypothese de Laplace sobre a formação do systema planetario) e desde que elle buscou a razão de ser do que o rodeia mediata ou immediatamente, admittiu uma causa hypothética, explicativa dos effeitos observados; mas o genio no homem variando ao infinito, várias e numerosas foram as hypothèses admittidas, mais ou menos extravagantes, segundo o espirito do philosopho ou do poeta.

Qual a causa do phenomeno, qual a hypothese que dando razão do que a observação mostra, é a mais e talvez a unica admissivel, eis o que nos propomos de preferencia considerar.

A observação prova exuberantemente que a causa dos tres phenomenos é unica, e que a differença está sómente no módo: assim, uma *bólida* differe de uma *estrella* em ter um diametro apreciavel, derramar maior quantidade de luz, e ter geralmente menor velocidade de translação: ora, o apparecimento das *bólides* é algumas vezes seguido de violenta detonação e quêda de fragmentos de pedra (u mesmo da *bólida*); mas essas pedras são *aerolithos*; assim temos os tres phenomenos dependendo de uma causa unica.

Essa verdade nem sempre foi tida como tal, e percorrendo as hypothèses de diversas épocas, entre outras achamos: — *os aerolithos são pedras arrancadas por furacões, ou em consequencia da rotação da terra.* !. . .

« São o resultado da condensação de vapores metállicos existentes na atmosphéra, etc.

« As *estrellas filantes* são devidas á inflammação de exallções terréstrés.

Entre os que consideram a causa unica, vemos; « o phenomeno é produzido por *pedras vindas do sol*, (seria difficil) ou *vindas da lua*; e finalmente achamos: o phenomeno é de-

vido a *apparição de astros que até então nos eram desconhecidos* e que em consequencia do attrito que soffrem no ar, inflammam-se.

De todas as hypothèses, as unicas possiveis são as de origem *Lunar e Planetaria*; mas qual d'ellas a admissivel?

A massa da lua, segundo Dubois, é 75 vezes menor que a da terra, e como sua distancia média é de 60 raios d'esta, pelo problema das luzes, vê-se que, da linha que une a *Lua á Terra*, o ponto igualmente attrahido, está muito mais proximo da *Lua*, e que se uma pedra arremessada por um *volcão Lunar* em direcção á terra, pudesse transpôr esse ponto, entraria na esphéra d'acção d'esta.

Laplace resolvendo esse problema balistico, simplificado em parte pela falta de atmosphéra na *Lua*, achou que um projectil dirigido no sentido da vertical, e em direcção á *Terra*, entraria na esphéra d'acção d'esta, se a velocidade inicial fosse de 2500 metros por segundo, calculo confirmado por Biot, quê achou 2525^m (proximamente $\frac{1}{2}$ legua de 20 ao gráo) velocidades essas de que são capazes nossos canhões raiados.

Olbers calculou que a velocidade com que um tal projectil entraria na atmosphéra terréstre, seria de 11,4 kylometros (proximamente 2 leguas); mas a média velocidade das *estrellas filantes*, segundo observações que merecem muita confiança, é de 40 kilometros (proximamente 7 leguas), o que comparado com o resultado d'Olbers, dá um excesso de 5 leguas, que (pela formula $v=a+\sqrt{2gh}$) devem ser junta a velocidade inicial $\frac{1}{2}$ legua para que a origem seja *Lunar*. Ora, a existencia de um *volcão Lunar*, capaz de imprimir a uma pedra a velocidade inicial de 5 $\frac{1}{2}$ leguas por segundo, some-se da esphéra do possivel para attingir sómente a das hypothèses inadmissiveis: visto isso, *se existem vulcões na Lua*, e esses capazes da velocidade de 2500 metros, só por excepção algum aerólitho poderá ser de origem *Lunar*, sendo diversa a causa geral do phenomeno.

Antes de considerarmos a hypothese planetaria, devemos pedir dados á observação, afim de resolvermos o problema.

A observação mostra que ordinariamente as *estrellas filantes* são vistas em numero variavel e pouco consideravel, parecendo não haver lei que reja o phenomeno; e a essas *estrellas* dá-se o nome de *sporadicás*; mostra que em épocas diversas do anno, em pontos variaveis da terra, o phenomeno apresenta se localizado com bastante intensidade, especialmente entre os dias 12 e 14 de Novembro; mostra finalmente que em um época do anno elle adquire grande intensidade e regularidade para toda a terra, o que constitue a s *estrellas filantes periodicas*. Esse periodo é o de 9 á 11 de Agosto, mas

ainda n'elle a observação tende á mostrar que a intensidade absoluta soffre uma variação de 20 annos.

Os vetustos archivos da China attestam, que o periodo actualmente de Agosto, já nas éras pagãs era notado, e a chronologia demonstra que as datas de então e as em que actualmente dá-se o facto, correspondem á posição da terra sobre um mesmo ponto da ellipse, que ella descreve annualmente em torno do Sol, ponto que está á 318° longitude heliocentrica.

Eis pois a observação revelando-nos factos bem distinctos, como *estrellas sporadicæ*, *localisação*, e *generalidade* do phenomeno; soffrendo esta variação na intensidade absoluta, e tendo lugar no mesmo ponto da orbita terréstre.

Podemos agora estudar a hypóthese planetaria e ver em torno de que centro ou centros devem gravitar esses *asteroides* para que esses factos apparentemente anómalos, não sejam mais que uma consequencia, ou mesmo verificação da lei do universo revelada ao homem no seculo XVII por Newton, e bem assim, mais uma probabilidade á favor das idéas de Laplace sobre a formação do systema planetario, cujo valo inda cresce pela identidade reconhecida entre os elementos constituintes dos aerolithos, unicos enviados extraordinarios que nos chegam das regiões extra-terraqueas e os elementos do globo que habitamos.

No seguinte numero continuaremos.

Cardozo de Mello

A philosophia e o direito,

I.

Quando em uma época qualquer, estuda-se a historia dos tempos que foram, e passa-se revista aos acontecimentos que ella archiva, o espirito se exalta, á vista do movimento com que a humanidade caminha na estrada do progresso.

E estimulado por um nobre orgulho, o homem toma parte nas lutas do dia, pugnando tambem pelas conquistas do pensamento.

Elle não póde receber esse legado de seus antepassados, gozar os beneficios que elle importa e transmitti-lo á geração por vir, sem augmenta-lo e sella-lo com o seu trabalho.

Não deve servir apenas de vehiculo ao cabedal juncto pelos esforços de tantas gerações.

Os tempos correm, e a civilisação caminha com passo firme e acelerado.

Esse movimento do espirito, que, em luta constante com a matéria e as trévas, não encontra barreiras ás suas investigações, e, levado por uma aspiração legitima, procura nivellar o ser creado ao principio creador, é consequencia de uma lei natural a que está sujeito o mundo physico e moral.

Todos os seres organisados em um momento apresentam-se insignificantes e sómente conhecidos pelo observador que os analisa; desenvolvem-se, porém, até o limite que a natureza lhes determinára.

O espirito, instincto na creança que recebe os primeiros raios do sol, expande-se igualmente até que se dissolva a matéria que o encerra.

A civilisação segue a mesma lei; seu movimento, porém, é continuo como o das gerações que se succedem.

E o que é a civilisação?

Quaes os elementos que a caracterizam, e que devem desenvolver-se á par d'ella?

E' o estado harmonioso da sociedade, que satisfaça a todas as necessidades reaes do homem.

Ella deve desenvolver todos os principios que conduzam a realisação do destino da humanidade.

Só caminha pois vantajosamente, quando o homem é convenientemente estudado, seus elementos decompostos pela analyse e seu destino perfeitamente definido.

E como o homem contém dous principios, differentes em natureza e nos phenomenos porque se manifestam; a materia, que tem em si as condições de sua destruição, e o espirito que se revêla pelo sentimento, pensamento e vontade; é a sciencia d'este espirito em suas relações comsigo, com seus semelhantes e com Deus, a Philosophia, o pharol que deve guiar o movimento do progresso social.

Entretanto desde o seu começo a Philosophia não se apresenta sob a mesma fórma que hoje.

Aquelles que procuraram estabelecer-la commetteram erros, filhos do ponto de partida de suas indagações e do método que n'ellas seguiam.

A harmonia da natureza captivou a attenção dos philosophos, que quizeram explicar os phenomenos do mundo physico, antes de estudar a alma.

Pythágoras e Thales, partindo de pontos differentes, crearam systemas oppostos; alguns pretenderam explicar os phenomenos naturaes por meio de uma hypóthese admittida *a priori*; até que Sócrates deu novo aspecto a Philosophia, não obtendo resultados vantajosos, por não ter sujeitado o espirito a uma analyse completa.

Finalmente no seculo XVII a sciencia do espirito humano apresenta-se sob novo aspecto, devido á Bacon, Descartes, Loke e outros.

Comprehendeu-se que em lugar de partir das causas para os effeitos, era preciso estudar os effeitos e d'elles remontar ás causas.

Estabeleceu-se o verdadeiro methodo philosophico, que consiste em analysar rigorosamente factos particulares e pela inducção concluir alguns axiomas que nos guie na apreciação de outros phenomenos, e no descobrimento de outros principios.

Este lance d'olhos sobre a historia da Philosophia basta para provar sua importancia.

O methodo que ella nos offerece é um instrumento necessario á todas as sciencias.

Consideremo-la agora no estado actual e qual a definimos.

Antes de estudarmos as relações do espirito necessitamos conhecer sua natureza, suas faculdades, seu estado; depois, seus productos, suas operações e o processo a seguir na indagação da verdade.

Apparecem assim a Psychologia e a Lógica.

Conhecendo o que somos e os meios de que dispomos, proseguiremos no estudo das relações do espirito, as quaes formam a Moral e a Theodicéa.

A Logica guia portanto o homem no descobrimento da verdade, evitando as causas que conduzam ao erro; a Moral

destingue o bem do mal, o justo do injusto, indicando o caminho da felicidade.

E esse aperfeiçoamento de todas as faculdades humanas, esse desenvolvimento do elemento moral á par do intellectual são o destino da humanidade, constituem a civilização.

(Continúa.)

Ribeiro da Silva.

Da Embolia.

*Nous gagnerons plus de nous
laisser voir tel que nous sommes,
que d'essayer de paraître
ce que nous ne sommes pas.*

La Rochefoucauld.

Leitores, o escrever para um periodico é uma das primeiras difficuldades que encontram aquelles que se dedicam ás letras, mórmente quando têm de preencher as columnas de algum, que poucos dias tem de existencia. N'este caso estamos nós com a *Tribuna*, a que ainda poucas intelligencias conhecidas das tres Escolas têm sustentado. Mas, como academico, temos o dever de render homenagem á ella com este trabalho, e alistarmo-nos, como sectarios da grande idéa suggerida áquelles dos nossos collegas para a sua criação, para assim ligarem os irmãos de insomnias e fadigas, convidando todos á desenvolverem os principios colhidos no estudo das sciencias.

A nossa apparição na arena da imprensa é demasiadamente precóce, porque nada podemos expender que seja digno do acolhimento dos homens de sciencia; porém, como a *Tribuna* á todos presta a sua valiosa protecção, nós tentamos escrever este artigo que submettemos a vossa judiciosa consideração, com a esperanza de nossas faltas serem relevadas pela vossa indulgencia.

O phenomeno da oclusão de um vaso por um corpo estranho foi designado pela palavra *embolia*, formada da latina *embolus*, embolo, a qual tem permacido na sciencia desde a sua descoberta.

Para descrevermos a historia d'este phenomeno, a que são devidos tão graves accidentes, muitos dados nos são precisos, apenas diremos que ántes da descoberta de Harvey ainda não era conhecido; só depois, em 1684, 65 annos de conhecida a circulação do sangue, é que Guilherme Goud e Van Swieten, por estudos anatomicos sobre os vasos, depararam com corpos estranhos que necessariamente causariam obtaculo á circulação, e os denominaram.

Sorprehendidos por um tal achado perguntavam á si mesmos d'onde proveriam taes corpos, e nunca puderam alcançar uma solução, nem mesmo os que lhes succederam.

Insolúvel permaneceu, assim como muitas outras, a questão da procedencia d'esses corpos até o nosso seculo, de que um dos luzeiros, queremos fallar de Virchow, fez conhecer ao mundo scientifico a resolução d'esse problema; e d'esta época, 1856, todos os medicos têm-se entregado ás investigações da *embolia*.

Segundo Virchow ella é o effeito de um outro phenomeno — a *thrombose*, em cujo estudo não entraremos pela diversidade de hypotheses que ha para explica-la, que só por si constitue materia para trabalho mais longo que este; todavia daremos aglumas noções sobre ella.

A *thrombose* é a coagulação do sangue em um vaso. Quando o sangue muda de estado parte do calibre do vaso fica vazia, que se preenche pouco a pouco com globulos sanguineos que se desprendem da onda que passa pelo tronco lateral de encontro ás suas paredes.

Estando já o calibre do ramo todo occupado, ainda os globulos vão-se applicando ao coagulo até constituirem um prolongamento para dentro do tronco: á este prolongamento dá-se o nome de *thrombo*, de base quasi sempre pedunculada.

Dadas estas noções, prosigamos:

A onda sanguinea, com os seus choques, desprende fragmentos d'elle (*thrombo*), e muitas vezes arrebatá-o pela base e leva-o para pontos diversos.

Este transporte é o que em Pathologia se denomina *metastase*.

E' d'esta sorte que se explicam os accidentes tão graves, de que somos victimas, ora a *apoplexia*, ora a *paralyisia*, etc., que vamos exemplificar.

Representando-se um *thrombo* em um ramo collateral da aorta, se forem desprendidas pequenos fragmentos d'elle, a consequencia não será mui grave, porém, se a onda sanguinea vier com grande impetuosidade, desarraigá-lo-ha e o levará para uma das iliacas, ou para o femoral, e temos immediatamente a oclusão. Interrompida que seja a circulação do membro, os seus tecidos resentem-se, pois que não são mais nutridos, e a consequencia é a *paralyisia* de um momento para outro, sem que o individuo saiba qual a causa que o prostrou.

Se o *thrombo* tem lugar em alguma das carotidas, interna ou externa, accidentes ainda mais graves podem-se dar — a *apoplexia*; e a perda de um orgãoocular, se elle é dirigido para a *ophthalmica*.

Se em uma veia, elle é conduzido ao coração e dahi para o pulmão onde obliterará indubitavelmente algum ramo principal, o que impede o phenomeno da *hematose*, e dá-se a morte instantanea.

E' da oclusão de um vaso pulmonar, da *embolia pulmonar* que Velpeau, em 1862, communicou á Academia das Sciencias de Paris um grande numero de factos que corroboram o juizo feito de tal lesão, dos quaes transcreveremos alguns.

Diz elle que em poucos mezes, no hospital da Caridade, presenciou quatro casos d'esta especie: uma mulher morta de *embolia pulmonar*, após a existencia de varizes nas pernas; duas outras mortas da maneira mais subita; uma quarta de idade de 46 annos, de uma fractura de perna, cujo tratamento apresentava-se mui regular. Esta mulher foi affectada de repente, por dous ou tres minutos, de violentas palpitações de coração, deu um grito, tornou-se livida e cahiu morta. Na *anopsia*, encontrou-se a arteria pulmonar quasi inteiramente obliterada, perto do coração, por um coagulo.

Com estes exemplos julgamos haver dito tudo quanto é necessario para o cabal conhecimento da *embolia*, e com elles terminaremos.

Porto Rocha.

Ha fecundação nos vegetaes?

Não é a vaidosa pretensão de escrever um artigo que nos leva a lançar mão de nossa debil penna e penetrar no sanctuario da sciencia, não; em tal não pensámos ao delinear este

alinhavado opusculo: fomos, porém, obrigados pelo desejo de coadjuvar a *Tribuna Academica*.

Definida a nossa mira, prosigamos.

A fecundação, como função vegetal, ficou durante longo tempo sem poder ser explicada. As primeiras indagações feitas pelos antigos Phytotomistas, tenderam antes á rejeita-la do que á admitti-la. Assim vemos Tournefort recusar essa função aos vegetaes e professar que os estames, longe de serem órgãos sexuaes masculinos, não passam de méros órgãos excretorios.

O respeito á um tal homem contribuiu, em muito, para a manutenção de uma theoria semelhante.

A gloria de destruir um tal erro era partilha de Sebastião Valente, digno discipulo de Tournefort, e foi ainda Valente quem, após a morte do seu mestre, qual novo Colombo, teve de lutar com adversarios que lhe faziam uma guerra impia, proclamando a não existencia do seu principio.

Tratava-se de uma descoberta que traria á Botanica interessantissimos resultados. Como sempre acontece a observação levou vantagem e Valente conseguiu triumphar de seus adversarios e sustentar suas opiniões por meio do seu interessante discurso, pronunciado no Jardim das Plantas, em Paris.

Mais tarde appareceu um genio, que imparcial e minuciosamente estudou a questão e pronunciou-se em favor de Valente. Que alludimos á Linnêo, fundador da Botanica moderna, não ha quem o ignore.

A fecundação, já admittida, foi confirmada pelo filho da Suecia. Aqui termina a parte puramente historica do nosso ponto.

E poderemos admittir a fecundação sem o menor exame? Não, ainda não; não basta isto; longe estamos do tempo do *magister dixit* para abraçarmos uma opinião, logo que ella se nos apresenta.

A duvida é predicado essencial d'aquelles que se entregam ás investigações scientificas.

Vejamos portanto, se podemos colligir factos, que provem a nossa questão.

A historia dos paizes Asiaticos nos diz que os habitantes dos lugares em que a vegetação é magestosa alimentam-se quasi exclusivamente de *tamaras*. Esses povos, sem conhecerem o phenomeno da fecundação vegetal, têm o habito de collocar flôres masculinas suspensas sobre flôres femininas. O pollen cahe sobre as flôres que se acham abaixo; a fecundação se opera; e mais tarde colhem elles os fructos que servem-lhes de verdadeiros alimentos. Assim se faz uma função physiologica sem que elles tenham consciencia do que se passa em a Natureza.

Em paizes, outr'ora desconhecidos, e que hoje os progressos da navegação têm descoberto, alguns observadores têm semeado grãos de plantas da familia das Cucurbitaceas; estas plantas auxiliadas por um clima benefico chegam á crescer e á produzir flôres masculinas; mas a fecundação nunca, têm lugar porque as plantas sendo unisexuaes não podem effectuar a sua função.

Indo mais longe, os observadores têm empregado um outro meio para provar a acção physiologica do pollen; têm espalhado o pollen de órgãos de uma planta muito differente, quanto ao genero, sobre outra do sexo feminino. O resultado da fecundação participa de uma e outra especie. Ha como que

um cruzamento de raças vegetaes, e a planta nascida d'este cruzamento toma o nome de *hybrida*.

Em presença d'esses e de muitos outros factos que observamos quotidianamente, força nos é admittir a fecundação vegetal.

E' este um bello escudo para aquelles que combatem a geração espontanea nos vegetaes. Nós somos d'essa opinião.

F. H. Pereira Lima.

LINO

OU

O NOVO SUICIDA.

A

L. J. P. S.

POR * * *

No anno de 185... falleceu no Rio de Janeiro um mancebo, estudante do 3º anno da Escola Central, e uma só missa não obteve sua alma, nem seu nome trouxeram-no as folhas que não no obituario geral: é que vivia bem longe dos seus, e tão sómente collégas o rodejavam!...

Coitado! ainda não contava vinte primaveras de existencia! era cedo de mais para baixar á campa; muito moço ainda para deixar a vida: e lá se foi bater ás portas da eternidade! que misericordioso lh'as abra quem tão cedo bateu-lhé em face com as da vida.

Eu conheci o poeta. Muitas vezes passou ante mim aquelle typo de Lamartine — de *fronte* larga e pallida, onde *via-se o teclado da intelligencia*; bem poucas tive o prazer de apertar aquella dextra que herdara a penna de Werter — o suicida: sempre alegre mas d'uma alegria frenetica, raramente triste, mas de uma tristeza funebre.

Vou lembra-lo, a quem ingrato já tão depressa riscou-o da lembrança, d'onde nunca devêra sahir; vou faze-lo conhecido de quem, por certo mais infeliz que o auctor d'estas linhas, só conheceu-o por seus escriptos; — o *estylô é homem*, vós o sabeis.

E vê-lo-heis n'essas cartas, que, das bordas do tumulo, fizera á um seu amigo, então ausente, a cujo pedido e em retribuição a offerta que d'ellas fez-me, occulto o nome do poeta sob o pseudonymo que tomára. Ei-las: o meu trabalho é quasi simplesmente de transcripção.

PRIMEIRA CARTA.

Côrte, 16 de Fevereiro de 185...

MEU AMIGO:

C'est un sophisme digne de la dureté de notre siècle, d'avoir avancé que les bons ouvrages se font dans le malheur: il n'est pas vrai qu'on puisse bien écrire quand on souffre.

Siva esta triste verdade, do auctor do *Genio do Christianismo*, de paradeiro ao que por ventura de bom esperes de mim n'esta carta e em não sei quantas outras mais, que com vagar pretendo escrever-te.

Verdade é, que com a mesma sem cerimonia com que servi-me de gorro tão rico, m'o podem arrancar da cabeça; mas eu prevenço-me com uma hypothese, o que aliás é muito admissivel.

E peço-te me attendas: Tu sabes que eu soffro; mas o

quanto — ignoras, nem t'ò poderei dizer nunca: a tristeza que me anuvia o rosto e a pallidez que me encera a fronte — são as provas que tens.

Mas isso o que é, em comparação aos ais doridos que no peito cálo, ás quentes lagrimas que nos olhos secco, ao gastar d'alma que me vai no corpo? quasi nada, meu amigo, desgraçadamente.

E no entanto aqui, longe do paterno lar, que mais amigo peito do que o teu se-me-antolha para santo confidente? Se eu me pudesse utilizar de tão celeste dádiva! . . .

Tens razão philosopho santo, — a palavra não a deu ao homem o sublime feitor dos mundos! de taes mãos, é impossível que viesse tão mesquinha offerta; não, não veio! . . .

Pois quem deu á materia tantos e tão diversos modos de ser, — aqui moyendo-se, — acolá inerte, — além sentindo, acaso lh'a deixaria sem acção para mostrar-se — tal existisse? ! . . .

Mas . . . fizestes bem, ó Deus, previdente como sois, cerrando assim olhos e ouvidos ás seccadas lagrimas do desespero e aos somidos soluços do martyrio! ! . . .

Quanto póde o homem, meu amigo, primeiro entre os primeiros da terra, — Rei da creação, — os extremos, as ultimas nótas da escalla de seu viver sentimental — não as póde dar!

E no entanto, secca não cahe a pobre flôr sem que deponha no grato ambiente que alimentára, todas as particulas do seu mais delicado olôr!

Nem deixa a vida o caládo esne, sem que mande frizar a superficie dos seus lagos os puros beijos dos mais doídos arpêjos de sua lyra elegiaca!

E eu que tanto desejava soubesses de mim! oh! não poder dizer-te o que hei sido, nem o que hoje sou; mas tão sómente o que serei pelo sibilar de uma bala, é horrivel meu amigo!! . . .

Mas não importa; basta-me saber que és meu amigo, como eu sou teu: e para que mais? quero que me leias, e ao depois sorrias, e sorrias sempre; porque louco é quem prefere chorar com Heraclito a rir-se com Democrito.

Recommendo-te este philosopho, é o meu melhor mestre; agora mesmo, que talvez penses corram-me as lagrimas pelas faces, rio-me. palavra: não acreditas? pois é tão real como até com a morte ir-me-hei rindo.

Pois já não te disse que o meu futuro di-lo-hia o sibilar de uma bala? temendo de outro modo morrer como carneiro, escolhi esse; foi uma prevenção filha de uma doutrina bem comprehendida.

E não me trahem — as vezes que me tens visto triste como o Manfredo de Byron, não; já não leste as viagens do irmão do papista José de Maistre? por certo que já; pois bem, meu amigo:

Do mesmo modo que aquelle philosopho, *excathedra* lá se ia dando as razões ao seu criá-lo porque o retrato de M.^{me} de Hautcastel olhava-o em qualquer posição do quarto que se collocasse:

Do mesmo modo que aquelle philosopho escanchava-se em uma janella, e viajava viajava: eu tambem, ás vezes em vez de risos solto ais, em vez de alegrar-me choro. E' assim nossa alma.

Perfeita propriedade da materia, não raro a verás desaparecer, para dar lugar a outra bem diversa, a *bête*, que principia então o seu breve reinado de absolutismo cêgo e surdo.

Nunca as redeas do governo de teu corpo estiveram nas mãos d'essa senhora? Pois em não menos de tres estados podemos-nos achar sobre o seu predominio — no de abstracção — de meditação ou de somno.

N'aquelle que supponho-o perfeito, é onde desgraçadamente nem uma acção tem a nossa pobre alma; acha-se *in totum* suplantada pela *outra*, que faz-nos das suas, das que calado soffria o pasciente Xavier de Maistre.

N'este, já não é tudo a *bête*, ha equilibrio de poderes em ambas, ambas trabalham de sua parte, e a bom trabalhar: tu sabes o que a *bête* de Newton lhe preparava para almoço, em quanto sua alma estudava as leis de Kepler.

N'este outro — o ultimo, ora pertencemos a uma, ora a outra, aqui a ambas, acolá a nem uma: e não prosigo n'este terreno: — o somno tem-me merecido quasi nem uma *atención*.

E asseguro-te que nunca estudarei tal objecto; fazer como Charma *um diario nocturno de 12 annos*, oh! jamais! E' esta uma das partes da philosophia que mais necessidade tem o philosopho de estudá-la em si.

E eu não comprehendo, que se possa estudar, estudar como philosopho — semelhante objecto; pois como, de que modo poderemos nós aprecia-lo em seu principio, ao começar? respondam por nós:

« Ensaiae uma vez espiar o momento em que o somno se apodera de vós: essa *atención* porá obstaculo a sua aproximação, e de modo nenhum adormecereis antes d'esta idéa desvanecer-se.

O somno vem sem que o chamemos; é a unica mudança em nossa maneira de ser onde a reflexão não toma parte, e quanto mais nos esforçamos por produzi-lo tanto menos o conseguimos.

Não sei se ficaste satisfeito, eu dei palmas por semelhante achado; mas não obstante affianço-te nunca mais me verás em outra; havia de ser interessante, se n'um dos raios da minha instante não deparasse com essa taboa de salvação.

E escusado é dizer te que á senhora minha *bête*, devo os apertos em que me vi; e com effeito, pois que minha alma tendo consciencia de seus diminutos conhecimentos psychologicos, é impossível que pela primeira vez fechasse os olhos á maxima do philosopho: *nosce te ipsum*.

Não era de balde, meu amigo, que me andava sempre o coração a dizer — *compra as obras de Deus, compra as obras de Deus*, e que só pude descançar quando as vi minhas, em minha estante.

Quanto merecis e sois digna de mais, de muito mais sympathia e amor que vos consagro, ó culta Allemanha, terra bendita de poetas e philosophos, terra de pensadores e desabios!

E eu, do intimo do coração vos agradeço, ó cantora de Corina pelo que fizestes em bem d'aquella terra; e bemdigo a vossa estrella, ó minha compatriota, por vos ter conduzido pelas encantadoras margens do Rheno! Ah! que eu não possa fazer o mesmo. . .

Mas, voltemos a Sturme, quero fallar ainda d'essa sua pie-

dosa obra — reflexões para cada dia do anno, feitas sobre as obras de Deus; livro de orações, que apesar da vontade de seu auctor, nem sempre falla a todos da terra.

São cousolações mais para os ricos e poderosos, do que para os pobres e fracos; é que por vezes ahi, mostram-se para animação dos ricos, os andrajos do pobre, o que aliás não me parece muito orthodoxo.

Mas assim mesmo prézo em extremamente aquelles livros e bendigo seu auctor; é que abrindo-os hoje para lêr a meditação que fizera o philosopho para este dia, 10 de Fevereiro, li tremendo: *reflexões sobre a vida e sobre a morte dos homens*; e quiz vêr também a do dia 9 do mesmo mez, que versa *sobre os tremores de terra*, e a do dia 11 que trata do gêlo; e quando acabei havia lido a historia de minha vida!...

E' que eu nasci n'este dia em que o philosopho manda meditar sobre a vida e sobre a morte; é que no anterior ha os tremores de terra, e no posterior o gêlo, meu amigo!

E tal é a historia que te vou narrar, a de minha vida: hontem na juventude, duvidas — são os tremores de terra; hoje, na mocidade, preparações para o tumulto — são as reflexões sobre a vida e sobre a morte; amanha, e não tardará, a morte — é o gêlo, e tu verás.

E adeus; se é que o traje grosseiro que leva esta, e o imperfeito corpo que vai vestindo, te não desagradam, em breve voltarei; se não... tu sabes: *Isto penso, isto escrevo, isto tinha na alma, isto vai no papel, porque de outro modo não sei escrever.*

O teu do coração

Lino.

Infeliz.

Surgiu de tua vida no horisonte
Uma nuvem fatal,
Envolvendo em seus flancos tenebrózos
O espirito do mal.

O teu anjo da guarda descuidoso
Sorrindo adormeceu,
E a tua corôa de donzella
O vicio emmurcheceu.

Foi a chamma infernal que nos teus olhos
O espirito lançou;
Que abrazando as florinhas virginâes
O anjo despertou:

Sorrio-se para ti, mas nos teus olhos
O pranto distinguiu;
Corre á beijar-te a fronte de pureza
E choro fugio.

Fugio; que no teu rôsto um beijo d'homem
A macula deixou.
Do crime a palidez tingiu-te a fronte,
E as rosas desbotou.

Quando da noite o manto tenebroso
Pela serra fluctúa,
E quando o valle triste se illumina
A' luz da branca lua;

Um anjo, pela serra entristecido
Na solidão vagueia,
E n'um canto de dôr e de harmonia
Saudo te pranteia:

E' teu anjo que chóra essa corôa
Que na fronte cingias,
Pobre infeliz, rainha dos festins,
Agora das orgias.

Benjamim F. Albuquerque Lima.

A' minha Graziella.

(RECITATIVO.)

Tu és a briza perfumosa, e calma,
Qu'em noites tristes vem beijar a flôr;
Tu és scentelha divinal, que brilha
Nas densas trévas de martyrio e dôr.

Tu és a aurora da manhã da vida,
Que riso, encanto, seducções contém;
Tu és o sopro que acalenta a vida
No triste peito, que deserença tem.

Tu és a auréola que circula o throno,
O throno Augusto desse Rei qu'é Deus;
Tu és o hymno que resumes preces,
Tu és a idéa, pensamentos meus.

Tu és o ástro cambiante, e bello
Do Céu querido, que nos viu nascer;
Tu és a vaga soluçando amôres,
Tu és minh'alma, minha vida e ser!

Tu és o canto do proscripto enfermo
Na pobre lyra, desferindo dôres;
Tu és do bosque juruty mimosa,
Tu és dos anjos, seus gentis amôres,

Ao pobre arbusto, que fenece triste
Em terra ingrata, sem abrigo ter:
Dá-lhe um sorriso d'esses teus sorrisos,
Que faz da terra para os Céus volver.

A. F. Duarte.

Boletim scientifico.

Meteóro luminoso. — A 14 de Maio, ás 8 horas da noute, observou-se em grande parte da França um meteóro brilhante, ácerca do qual extrahimos alguns esclarecimentos.

Longo intervallo decorrêra entre a explosão visivel do meteóro e a percepção do ruido que resultára: 2 minutos em alguns lugares, 3 e 4 em outros.

Combinando-se estes dados com a velocidade do som, que é 333 metros por segundo, concluiu-se que o phenomeno teve lugar á uma altura em que o ar é muito rarefeito, e que, para produzir na superficie da terra o effeito observado, muito intenso devia ter sido o estrondo n'essas regiões.

Fazendo-se um calculo pouco aproximado da altura do meteóro no momento de sua explosão, achou-se 30 kilometros.

A analyse das pedras meteóricas, que cahiram em consequencia do phenomeno, deu o seguinte resultado:

Ao contacto da agua fria, a pedra divide-se em particulas tão tenues, que atravessam o filtro mais espesso em que se pretenda recolhe-las.

Isso é resultado da dissolução de materias salinas n'ella contidas.

Tratada pelo alcool, separa-se em particulas que se podem obter sobre um filtro; e, evaporando-se o liquido, fica um residuo crystallino, em que se encontra uma substancia de natureza organica.

A sua densidade em relação á da agua é 2,67.

Entre outros, encontraram-se os seguintes corpos: proto-sulfureto de ferro, oxido de ferro magnetico, traços de nikel e de bromo, carbono em estado de graphito, e alguns saes solúveis, entre os quaes sulfatos, chloruretos e principalmente chlorhydrato de ammoniaco.

M. S. Cloez, que analysára alguns aerolithos de Orgueil, observa que é a primeira vez que se encontram aquelles saes nos productos dos meteóros luminosos.

Luneta perspectiva. — E' muito conhecido o methodo adoptado para reproducção de um desenho em maior ou menor escalla.

Divididos em quadrados o desenho e o papel, procura-se collocar em cada quadrado do papel o que está symetricamente disposto no quadrado respectivo do desenho.

Este principio tão simples serviu de base á construcção de um instrumento de grande utilidade para o desenho de perspectiva.

Consta elle de uma luneta ordinaria, propria á augmentar os objectos, tendo atraz ou adiante da objectiva um *canevas* mais ou menos unido, e um pé, semelhante aos dos instrumentos de Topographia.

O *canevas* divide em quadrados todo o campo da luneta; tendo-se portanto uma folha de papel igualmente dividida, a operação á praticar é igual á da cópia de um desanho.

Em lugar de uma luneta, póde-se empregar uma caixa tendo em um lado o *canevas* e no outro um orificio para applicar-se o olho.

A luneta perspectiva de M. Leclerc, além de simples em construcção e de facil applicação, satisfaz a condição essencial — *fixidade do ponto de vista.*

Applicação da electricidade. — A segurança dos viajantes dos caminhos de ferro tem chamado a attenção dos mecanicos para a necessidade de poder-se parar um comboy em qualquer occasião, nullificando-se a velocidade de que elle vem animado.

Reconhece-se que um trem impellido por grande força só póde parar á uma distancia de 1,200 metros, mais do que alcança a vista de seu chefe para evitar qualquer perigo.

Para satisfazer-se á esta lacuna, empregam-se signaes, fixam-se com exactidão as horas das partidas dos trens e pelo telegrapho electrico annuncia-se qualquer impedimento que haja na linha.

Inventaram-se depois aparelhos mecanicos, denominados

freios, que não resolviam a questão, por não serem manejados pelo chefe do trem, unico que póde julgar da oportunidade da applicação dos seus effeitos.

Finalmente M. Aguste-Achard, aproveitando os freios e auxiliado pela electricidade, deu ao problema uma solução completa.

O instrumento de sua invenção exerce sua acção até onde o fio conductor leva o flu do electrico.

Elle transforma em resistencia a força desenvolvida pela rotação das rodas dos wagons, fazendo parar as mesmas rodas.

O chefe de trem dispõe de todos os freios do comboy, bastando para isso tocar em um botão e estabelecer a corrente electrica.

Origem das especies. — Uma das questões mais interessantes das sciencias naturaes, é reconhecer se as numerosas especies e as variedades, que se encontram em um só genero, existem desde seu apparecimento com todos os caracteres que as distinguem; ou partem de um tronco commum, d'onde se separaram sob a influencia de forças naturaes.

Muitos naturalistas têm se occupado d'esta questão e suas observações, se não a resolvem completamente, provam ao menos que todos esses grupos podem variar a tal ponto, que essas variações venham a constituir novas especies.

Linnêo, um dos que sustentavam a immutabilidade dos seres vivos, reconheceu afinal que todas as especies de um mesmo genero constituíam á principio uma unica.

Buffon, observando esta variabilidade, admittira a possibilidade dos animaes do mundo actual serem os mesmos que os do antigo.

W. Herbert reconheceu a extensão do principio da variação ás especies vegetaes, e Saint-Hilaire observou a mesma applicação aos animaes selvagens.

Finalmente em Inglaterra M. Darwin publicou uma obra — *A origm das especies*, em que, aproveitando todas as observações e resultados co'hidos, estabelece a theoria seguinte: as variedades de uma especie podem tornar-se diferentes de sua origem e constituir novas especies.

Segundo elle a variabilidade é a lei, a immutabilidade a excepção.

Neste escripto mostra-se a influencia que tem o homem n'estas variações, que elle procura obter e dirigir segundo seus interesses e caprichos.

Aponta-se tambem a concurrencia vital como uma das causas que produzem o desapparecimento de certas especies ou generos, e que apagam os vestigios da lei de continuidade que se devia notar nas variações.

Chronica.

Bem longe estavamos, em o nosso primeiro artigo da *Chronica* passada, de querer apedrejar qualquer entidade, parte constituinte do que se chama — imprensa diaria.

Com esta *in totum* era nosso resentimento.

Já se vê que, tudo, quanto dissemos, referia-se á um systema e não á um individuo.

Entretanto vem inserto na columna noticiosa do *Diario do Rio* um artigo, que declina d'aquella folha nossa imputação, e

que se nos oppôz para resvallo dos epithetos que empregámos.

Dizem-nos que, *benevolentes*, não reconhecem em nossa personalidade *direito* nem *authoridade* para em referencia ao *Diario* applicar: — *as linhas de louvores, de elogio, de apotheosis regem-se por tabellas, como as viagens em tilbury.* —

Comprehendamo-nos.

Póde admittir-se em um *todo* propriedades, de que isoladamente não gozam as *partes*.

Póde admittir-se em um grupo tendencias e principios que não caracterizam as unidades da collecção.

Assim como póde admittir-se uma perniciosa propaganda, sem que cada executor de per si, adoptando-a por habito e systema, seja o responsavel.

O que censuravamos era o systema.

Era o systema, combatido pelo escriptor expatriado, Ribeyrolles, hospede imparcial, que com franqueza fallando de nossa imprensa, disse algures:

« Não ha nega-lo. O escandalo é quasi geral e nunca se viram lojas mais desfaçadas. Tudo se vende n'ellas, até a carne humana, como nas feitorias d'Africa.

Triste e angustioso contraste: o instrumento é livre aqui, a faculdade inteira, estimada, respeitada e o exercicio é miseravel; a ideia fez-se *quitandeira*.

O patriota que quizer reflectir, comprehenderá até que ponto são culpados estes desvios. Dissemos que a tribuna e a imprensa são duas grandes forças de civilisação; mas de que servem ellas se a tribuna alheia-se e adormece, e se a imprensa em vez de ensinar, *põe balcão?* »

Já temos *authoridade*; vejamos se nos assiste o *direito*.

Assumiramos n'aquella occasião o papel de órgão de uma parcialidade, que deveria estar queixosa

O que queríamos era justo.

Em circumstancias taes, poder-se-ha stigmatizar a reclamação, porque sua integra contém verdades duras de dizer-se?

Não — O direito de reclamação, pois, nos competia.

Em conclusão e resumo: — talvez que o *benevolente* collaborador do *Noticiario*, não nos podendo negar o *direito* reconheça *authoridade*, para que possamos em referencia á nossa imprensa, repetir ainda, — *as linhas de louvores, de elogio, de apotheosis regem-se por tabellas, como as viagens em tilbury.*

Sentimos que continuando a *vozeria*, chegue o ruido ao *Constitucional*; e, de passagem diremos, que foi mal classificado nas *Noticias Diversas* o seu paragrapho em que occupou-se da nossa *diatribe*.

Pelo sabor acre, o tomamos por genuina *fructa do tempo*.

Nitidamente impressa e primorosamente encadernada chegou-nos de Paris uma edição dos *Contos Nocturnos* do Sr. Barbosa Rodrigues.

Já conhecido pelo livro de *Orlina*, o Sr. Barbosa sujeita ao publico a sua obra sem prefacio algum que possa antecipar um juizo.

Assim, o leitor, que de animo desprevenido, percorrer as primeiras paginas, ficará sorprendido com aquelle desenvolto e requintado realismo, que agrada á muitos, mas que aterrando o moralista, exige asperas e justas censuras do critico consciencioso.

Sabemos, porém, que o auctor escreveu aquellas paginas sob uma impressão profunda e acabrunhadora, d'estas originadas por factos que enxertam em uma alma, ainda que muito pura e sensivel, o septicismo e a descrença.

E por isso, reprovando sempre tal escola, o desculpamos.

A imaginação do Sr. Barbosa, sempre rica, traça-nos em seu livro quadros medonhos, repugnantes mesmo, mas nem por isso deixa de ahi ostentar-se as vezes o trópo, com propriedade e belleza.

Se o auctor, não se deixando levar por byronicas phantasias, tomasse como maxima que, tanto a substancia como a fórma do romance deve sempre derivar-se do verosimil, do natural, sua imaginação (que fertilissima é) dando-lhe multiplos *themas*, obteriamos de sua habil penna variados e interessantes *painéis*.

E' provavel que acceitando as opiniões e os conselhos de outros censôres eminentes, o Sr. Barbosa abandone uma escola inconveniente e nos dê em breve *specimens* de bem caracterizado romantismo.

O acanhado plano d'este escripto nos inibe de, fazendo mais algumas observações, citar diversos tópicos que nos agradáram.

Recentemente inaugurado, o *Instituto dos Bachareis em Lettras*, encetou seus trabalhos em sessões ordinarias.

A these que se discute é: — *Colombo descobriu a America por sciencia propria ou por outro qualquer meio?*

Fallaram sobre a questão os Srs. Bachareis Franklin e Correia, havendo ainda seis inscriptos.

Este gremio para a litteratura e sciencias naturaes é uma criação, cuja lacuna já sensivel, devia ser considerada como immediata para moços, que tendo os mesmos conhecimentos, careciam de um *theatro* para exercita-los e aperfeiçoa-los.

Confiando no plano da organização do Instituto, na segurança dos seus membros, e na intelligencia e estudo de seu digno Presidente, muito se póde esperar.

Ventila-se actualmente no *Nucleo Polymathico* a questão — *A litteratura brasileira tem o cunho de sua nacionalidade?*

O interesse que inspira o ponto em discussão tem dado lugar a succulentos discursos que provam que os socios, comquanto jovens, se tem todavia occupado, de perto, em questões sérias e que demandam muito estudo e aprofundado criterio.

Damos os mais cordiaes emboras á esses lidadores, dos quaes esperamos muito, em prol das patrias lettras.

Apreciação das leis de Kepler; como por meio d'ellas chegou Newton a descoberta da lei da gravitação universal? Juizo entre os dous sabios Newton e Kepler. Eis o ponto que se discutio na penultima sessão do Athenêo Central.

Occuparam a tribuna, e com muita vantagem, os Srs. Drs. Mariano de Vasconcellos e Cardozo de Mello.

Actualmente trata-se do ponto — *Quaes as propriedades de que se serve a mineralogia para reconhecer e classificar os mineraes?*